

## AS VIDAS E OS MILAGRES DE ISABEL DE HUNGRIA E ISABEL DE ARAGÃO: ESTUDO DE DUAS SANTAS DOS SÉCULOS XIII-XIV

LILIANA SOUSA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi28a7>

[lilianasousa@live.com.pt](mailto:lilianasousa@live.com.pt)

**RESUMO:** Os paralelismos entre os cultos de Isabel da Hungria e Isabel de Aragão motivaram a realização deste artigo. Dessa forma, pretendemos observar um conjunto de fontes que nos permitam constatar de que formas as imagens de ambas as santas foram sendo moldadas e de que formas foram retratadas, tendo em consideração o panorama religioso da Baixa Idade Média que favoreceu a proliferação de várias correntes espirituais no espaço europeu.

Visamos, assim, uma análise aos seus textos hagiográficos e aos seus milagres, o que nos permite não só conhecer melhor estas duas figuras, como os agentes que participaram na origem e desenvolvimento dos seus cultos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rainha Santa Isabel; Santa Isabel da Hungria; Santidade Feminina; Hagiografia; Milagres

**ABSTRACT:** The parallels between the cults of Elizabeth of Hungary and Elizabeth of Aragon motivated the realization of this article. Thus, we intend to observe a set of sources to verify in which ways the images of both saints were shaped and in which ways they were portrayed, considering the religious panorama of the Late Middle Ages, a time that favored the proliferation of various spiritual currents along the European continent.

We aim an analysis of their hagiographical texts as well as their miracle accounts, which will allow us to understand better these two figures, as well as the agents who participated in the origin and development of their cults.

**KEYWORDS:** Saint Elizabeth of Portugal; Elizabeth of Hungary; Female Sanctity; Hagiography; Miracles

### Introdução

Ao longo da Idade Média, os modelos de santidade sofreram grandes alterações, revelando uma plasticidade em se adaptar às necessidades das comunidades e dos tempos. Neste sentido, situamos este artigo nos séculos finais do mundo medieval, período em que os modelos de santidade feminina,

muitas vezes ligados à realeza, proliferaram no panorama espiritual.

Ao realizar esta investigação, o nosso objetivo principal foi traçar uma análise de duas figuras santas ligadas à realeza europeia, Isabel da Hungria ou da Turíngia (1207-1231) e Isabel de Aragão ou a Rainha Santa Isabel (1271-1336). Além da fama que estas santas tinham em comum elas partilharam, igualmente, laços de sangue. A santidade de ambas seria amiúdes vezes comparada, com alguns milagres a serem descritos de forma semelhante, tornando-se marcos cruciais no culto individual de cada uma destas mulheres.

Apesar de muitas vezes referidas pelas suas semelhanças, acreditamos que seja ainda relevante o desenvolvimento mais detalhado de um estudo sobre estas santas, para o qual pretendemos contribuir com a nossa análise. Para tal, iremos recorrer aos primeiros textos hagiográficos de cada uma, os mesmos que incitaram as suas tradições hagiográficas, influenciando futuras biografias sagradas. A partir destas fontes iremos averiguar as descrições de cada uma, compreendendo de que formas foram retratadas e que imagem se construiu em torno das mesmas. As tipologias de milagres que realizaram, assim como quem eram os principais alvos destes feitos miraculosos. O principal objetivo será observar o quão comparáveis foram, realmente, estas duas figuras.

## 1. As fontes

Começemos por descrever as fontes e as edições a que recorreremos neste estudo.

No caso das fontes respeitantes a Isabel da Hungria, socorremo-nos da monografia de Kenneth Baxter Wolf, publicada em 2010<sup>1</sup>. Nesta edição encontram-se traduções em inglês do texto da *Summa Vitae* de 1232, da primeira lista de milagres atribuídos a Isabel de Hungria, datada de 1232, assim como as listagens seguintes resultantes da primeira e segunda deposição papal, datadas de 1233 e 1235, e, por fim a tradução da *Dicta quatuor ancillarum* de 1235. As traduções são acompanhadas de uma edição crítica, onde o autor contextualiza estas fontes no período da sua redação, o seu contributo para o culto da santa e ainda o desenvolvimento de outras produções hagiográficas mais tardias.

A monografia de Kenneth Baxter Wolf inicia-se com uma descrição da vida de Isabel da Hungria, desde o seu nascimento até à sua morte, cruzando estes dados com outras fontes que comprovam, mais seguramente, os seus feitos. Explora ainda o casamento com Luís IV da Turíngia e as implicações deste matrimónio nas suas funções caritativas, assim como a relação com Conrado de

<sup>1</sup> WOLF, Kenneth Baxter – *The Life and Afterlife of St. Elizabeth of Hungary: Testimony from her canonization hearings*. Nova Iorque: Oxford, 2010.

Marburgo, que viria a moldar o seu percurso espiritual. Observa, igualmente, as diferenças na representação desta santa ainda em vida e as representações póstumas.

Neste sentido, interessaram-nos maioritariamente os textos referentes à *Summa Vitae* e a primeira listagem de milagres. O texto hagiográfico comporta grande parte dos relatos que viriam a influenciar *Vitae* futuras, demonstrando muitos aspetos essenciais do modelo de santidade que viria a ser difundido pelo espaço europeu. Quanto aos milagres, recorreremos à listagem primitiva para, assim, compreendermos que tipologia de feitos se realizou imediatamente após a sua morte.

A sua hagiografia terá sido redigida entre 11 de agosto de 1232, quando se iniciou o primeiro questionário em que se registaram os seus milagres, e 13 de outubro de 1232, data da resposta de Gregório IX ao processo iniciado por Conrado de Marburgo<sup>2</sup>. Como veremos, este texto viria a servir de modelo para as composições hagiográficas futuras. Além disso, como teremos oportunidade de observar, o seu processo de canonização esteve envolto em circunstâncias especiais e que favoreceram não apenas a sua divulgação, como também cimentaram a sua relevância na produção de fontes hagiográficas, moldando especialmente a santidade de mulheres laicas da Baixa Idade Média.

No que concerne à primeira recolha de milagres, esta listagem resulta de questionários levados a cabo em Marburgo em agosto de 1232, e que foram enviados para o Papa Gregório IX, acompanhando o texto da *Summa Vitae*<sup>3</sup>.

No entanto, existem outras fontes importantes para entender o culto e a imagem de Isabel da Hungria. As outras listas de milagres, com narrativas mais detalhadas face à primeira e a *Dicta quatuor ancillarum*, texto que reúne os testemunhos de quatro mulheres que conviveram de perto com a santa em várias etapas da sua vida, nomeadamente Guta, Isentrude, Irmengard e Isabel. Este texto apresenta uma visão mais privada da santa, onde são relatados vários episódios que sublinham a caridade de Isabel da Hungria, assim como é divulgada a relação com Conrado de Marburgo, que muitas vezes infligia castigos corpóreos à santa, traçando uma imagem do protetor muito diferente daquela que o mesmo relatou. Além disto, o texto demonstra a admiração que tinham por esta, pelos seus feitos e pela sua espiritualidade<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> *Summa Vitae* (1232). In WOLF, Kenneth Baxter – *The Life and Afterlife of St. Elizabeth of Hungary: Testimony from her canonization hearings*. Nova Iorque: Oxford, 2010, p.91.

<sup>3</sup> *Summa Vitae* (1232)...p.91-95.

<sup>4</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*. Nova Iorque: Fordham University, 1995, p.10, 26-35; GESCHER, Ottó – *The Feast and the Pulpit: Preachers, Sermons and the Cult of St. Elizabeth of Hungary, 1235-ca. 1500*. Espoleto: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 2012, p.2-4; KLANICZAY, Gábor – *Sainte Elisabeth comme modèle: l'image de la sainteté féminine dans le Libellus de dictis quatuor ancillarum*. In *Le*

Além das fontes enunciadas que inauguraram o culto a Isabel da Hungria, nos séculos posteriores surgiram novos textos relativos à santa, sendo uma das mais famosas a *Vita S. Elisabeth* da autoria de Dietrich de Apolda<sup>5</sup>.

No caso de Isabel de Aragão, recorremos à edição crítica de José Joaquim Nunes, publicada em 1921. A edição, intitulada *Vida e Milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal*, é composta por uma introdução crítica à fonte, onde se explanam dúvidas referentes à datação e publicação do manuscrito original, assim como acrescentos e modificações feitas ao longo dos séculos nos manuscritos posteriores.

José Joaquim Nunes refere ainda como procedeu à publicação deste texto, esclarecendo a opção pela mudança de alguns vocábulos que teriam sofrido alterações, mantendo-os assim, segundo o editor, mais fieis àquilo que seria o léxico coevo. Afirma que o texto original fora redigido num período próximo da morte da santa<sup>6</sup>, contudo, alguns termos e caligrafia aparentam ser mais tardios, nomeadamente do século XVI. Trata-se portanto da cópia de um documento datado do século do XV e não do texto original<sup>7</sup>. Assim, apesar dessas modificações, estamos perante uma fonte maioritariamente constituída por aquilo que seria o texto original da Vida<sup>8</sup>.

Posteriormente é apresentada a edição crítica da fonte, *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, dona Isabel, e dos seus bõs feitos e milagres em sa vida e depòys da morte*. A sua autoria foi atribuída, por António de Vasconcelos, a alguém próximo da rainha que conheceria a sua vida e percurso religioso, provavelmente o bispo de Lamego, Frei Salvado Martins<sup>9</sup>. Além de ter convivido de perto com a rainha, acredita-se que o seu autor também seria versado na produção hagiográfica, conhecendo a *Vita* de Isabel da Hungria e a

*plaisir de l'art du Moyen Âge. Commande, production et réception de l'oeuvre d'art. Mélanges en hommage à Xavier Barral i Altet*, Paris: Picard, 2012, p.967-975.

<sup>5</sup> KLANICZAY, Gábor – *Pouvoir et idéologie dans l'Hagiographie des Saintes Reines et princesses*. In BOZÓKY, Edina (ed.) – *Hagiographie, idéologie et politique au Moyen Âge en Occident: Actes du colloque international du Centre d'Études supérieures de Civilisation médiévale de Poitiers*. Turnhout: Brepols, 2012, p. 436-437; PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary...*p.11; GESCER, Ottó – *The Feast and the Pulpit: Preachers, Sermons and the Culto fSt. Elizabeth pf Hungary, 1235-ca. 1500...*p.26-30.

<sup>6</sup> NUNES, José Joaquim – *Vida e Milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal: Texto do século XIV, restituído à sua presumível fora primitiva e acompanhado de notas explicativas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921, p.3.

<sup>7</sup> NUNES, José Joaquim – *Vida e Milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal: Texto do século XIV, restituído à sua presumível fora primitiva e acompanhado de notas explicativas*. p.6. “Provém, pois, o escrito de que o douto monge nos legou não do original primitivo, que parece ter desaparecido, mas de uma cópia, que se tirou doutra mais antiga, feita provavelmente sobre aquele, no século XV.”

<sup>8</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010, p.39.

<sup>9</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval ...*p.39. NUNES, José Joaquim...p.13; REBELO, António Manuel Ribeiro – *Percurso histórico do códice quincentista do Livro que fala da boa vida*. In PIMENTEL, Maria Cristina; ALBERTO, Paulo Farmhouse (ed.) – *Vir bonus peritidimus aeque. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2013, p.701.

de Santa Clara, que teriam influenciado a sua escrita<sup>10</sup>.

Maria de Lurdes Rosa apelida-a, inclusivamente, de «crónica hagiográfica», uma vez que, sendo respeitante à vida de uma rainha seguia linhas de uma biografia cortesã, sem, no entanto, descurar do valor hagiográfico da mesma, bem como da importância da exemplaridade para a definição da santidade<sup>11</sup>. Mantém, igualmente, elementos típicos da redação de biografias sagradas, com a descrição da vida e milagres da mesma, recorrendo a narrativas típicas de figuras santificadas.

Tal como vimos no caso anterior, também com Isabel de Aragão as biografias sagradas proliferaram nos séculos seguintes, especialmente aquando de uma maior divulgação do seu culto dado o seu processo de canonização. Entre os vários textos, destaquemos o de Pedro João Perpinhão, que iremos abordar num momento mais avançado do nosso estudo.

Isabel de Aragão é uma figura paradigmática da santidade portuguesa do final da Idade Média. À semelhança do outro caso em estudo, revela características típicas de uma espiritualidade ligada ao ascetismo e à pobreza, assim como características semelhantes às crescentes correntes místicas, que se afastavam dos domínios eclesiásticos. O surgimento das ordens mendicantes terá sido um fator atrativo para as mulheres, com especial destaque para as ordens terceiras, o que consentia uma vida leiga, permitindo, assim, um «estado intermédio», em que viviam em devoção a Deus sem, no entanto, largarem as suas vidas seculares. Esta santidade seria, por sua vez, dominante em mulheres de famílias reinantes, revelando uma preponderância para a sua atividade social, fosse através de obras de caridade, fosse pela intromissão em ações políticas ou religiosas<sup>12</sup>.

## 2. Ligações familiares e paralelismos de santidade

Como referimos anteriormente, estas duas mulheres partilhavam uma ligação familiar. Neste sentido, Isabel da Hungria seria tia-avó de Isabel de Aragão. A primeira, filha de André II da Hungria e de Gertrude da Merânia, era meia-irmã de Violante da Hungria (filha de André II da Hungria e Iolanda de Courtenay). Esta, por sua vez, casada com Jaime I de Aragão foi mãe de Pedro III de Aragão que, casado com Constança de Hohenstaufen, foram pais

<sup>10</sup> DIAS, Isabel Rosa – *A Narrativa da Vida e Milagres da Rainha Santa Isabel: Testemunhos e Edições*. In CAÑAS MURILLO, Jesús; GRANDE QUEJIGO, Francisco Javier; ROSO DÍAZ, José (ed) – *Medievalismo en Extremadura: Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media*. Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009, p.575.

<sup>11</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval* ... p.40.

<sup>12</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval* ... p.38-39.

da Rainha santa<sup>13</sup>. Esta ligação de parentesco será mencionada na hagiografia da aragonesa, logo num momento inicial onde se explica a escolha do seu nome.

Isabel da Hungria é uma santa de especial importância. Marcou a santidade da Baixa Idade Média assim como contribuiu grandemente para a conceptualização da santidade feminina deste período, em especial das mulheres leigas ligadas a famílias aristocráticas e reais. Paralelamente, foi um exemplo fundamental para as terceiras ordens mendicantes e, ainda numa fase inicial do seu culto, era já conceptualizada como uma versão feminina de S. Francisco de Assis<sup>14</sup>.

A sua espiritualidade era produto da influência das ordens mendicantes, com destaque para os Franciscanos, que rapidamente cresciam nos espaços urbanos. As suas ações exerceram considerável influência nas populações, a renúncia da vida junto da realeza, a caridade para com os pobres e doentes e a pobreza voluntária, foram princípios que tornaram Isabel da Hungria numa santa exemplar. Tornava-se assim patrona de vários hospitais, altares, igrejas, beguinarias<sup>15</sup>, assim como uma figura importante da Terceira Ordem Franciscana. Tratando-se de uma mulher casada e com filhos, a sua imagem fora ainda mais valorizada, representando o alcance da santidade por mulheres leigas. Demonstrava, dessa maneira, uma maior abertura à religiosidade feminina por parte desta terceira ordem, ao mesmo tempo que se tornava um modelo a ser imitado por outras mulheres nas mesmas condições. Era, paralelamente, uma representante da castidade e ascetismo, valores monásticos mais tradicionais, assim como de uma nova espiritualidade que surgia, especialmente, no espaço urbano<sup>16</sup>.

A sua imagem, aliada aos mendicantes, contribuíra para o que seria uma «europeização da Europa Central», contribuindo para o surgimento de outras figuras santas nestes domínios geográficos. Mais concretamente, a difusão do

<sup>13</sup> RÁKÓCZI, István – *Vidas paralelas – ícones abraçados. (Achegas filológicas para o estudo do “milagre das rosas” de Santa Isabel da Hungria e da Rainha Santa Isabel)*. In FONSECA, Luís Adão da; AMARAL, Luís Carlos; SANTOS, Maria Fernanda Ferreira (coord.) – *Os reinos ibéricos na Idade Média: livro de homenagem ao professor doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2003, p.551-552; ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015. 2ª Ed., p.298-299; KLANICZAY, Gábor – *Pouvoir et idéologie dans l’Hagiographie des Saintes Reines et princesses...*p.443-444.

<sup>14</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. In HAVAS, Ladislaus; TAKÁCS, Ladislaus; TEGYEY, Emerics (eds.) – *Schola Europaea. Les valeurs de l’Europe – L’Europe des valeurs*, Classica-Mediaevalia-Neolatina III. Budapest: [s.d.], 2009, p.201; VAUCHEZ, André – *Esperienze religiose nel Medioevo*. Bari: Viella, 2003.

<sup>15</sup> MULDER-BAKKER, Anneke B. – *Holy Women in the German Territories: A Survey*. In MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn (eds.) – *Medieval Holy Women in the Christian Tradition. c.110-1500*. Turnhout: Brepols, 2010, p.318.

<sup>16</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.204-205; MULDER-BAKKER, Anneke B. – *Holy Women in the German Territories: A Survey...*p.317-318.

seu culto ficava ligada a dois espaços. Para os germânicos seria mais facilmente reconhecida como Isabel da Turíngia, enquanto para os espaços como a Inglaterra, Itália, França e Península Ibérica, o seu culto fora divulgado sob a denominação de Isabel da Hungria. A sua importância ultrapassou as fronteiras germânicas, passando a ser cultuada nos espaços europeus de forma generalizada<sup>17</sup>. A sua dinastia seria também reconhecida pelo grande número de figuras santificadas. O culto de Santa Isabel da Hungria parecia assim uma mescla de ideais de santidade, adaptando-se dessa forma às realidades dos espaços<sup>18</sup>. O seu perfil religioso foi sendo remodelado consoante correntes de misticismo que se difundiam à época, tanto na Itália, como no sul dos Países Baixos e no norte da França, onde era cultuada, unindo modelos religiosos mediterrânicos com os germânicos e os da Europa Central<sup>19</sup>. Tudo isto num momento em que começavam a crescer as beguinarias, que consideraram Isabel da Hungria como uma das suas santas patronas<sup>20</sup>.

Para compreendermos parte da sua vida e trajeto religioso torna-se necessário conhecer o papel de Conrado de Marburgo, possivelmente oriundo de uma família abastada de Marburgo e pregador na cruzada de 1215. Cesário de Heisterbach descreveu-o como um clérigo secular e homem austero que aplicava no seu corpo penas físicas. Era reconhecido pela pobreza e recusa de benesses de instituições ou dignidades eclesiásticas. Notoriamente inimigo dos heréticos na Alemanha, as suas acusações direcionadas a poderosos terão contribuído para o seu assassinato em 1233<sup>21</sup>.

Em 1226 tornou-se confessor de Isabel da Hungria e, mais tarde, seu protetor e guia espiritual, influenciando a sua vida especialmente na viuvez, proibindo-a de praticar uma vida de mendicância como teria desejado, punindo-a com severos castigos corporais e nem sempre concordando com os seus atos de benevolência para com os doentes<sup>22</sup>.

Além destas circunstâncias, o seu processo de canonização usufruiu de uma conjuntura especial. Para o observarmos, convém notarmos a crescente evolução da influência papal, ao longo dos séculos XI e XII, na decisão exclusiva de iniciar e autorizar a formação de cultos de novos santos. A exclusividade papal em matéria de canonização foi proclamada com o Papa Alexandre III e, mais tarde, foi Inocêncio III que introduziu um novo estilo de canonização, a partir do IV Concílio de Latrão (1215), onde se institucionalizou uma nova

<sup>17</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.211-212..

<sup>18</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.215.

<sup>19</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.221-222

<sup>20</sup> MULDER-BAKKER, Anneke B. – *Holy Women in the German Territories: A Survey*...p.318.

<sup>21</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p.13-14.

<sup>22</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p. 14.

rotina neste procedimento e que foi estabilizada com Gregório IX. Assim, ficou determinado que o primeiro passo no sentido da santificação deveria ser a submissão de um pedido oficial dirigido ao papado, acompanhado por uma descrição da vida e dos milagres baseados na *fama sanctitatis* dos indivíduos. De seguida, procedia-se à nomeação de um comité constituído por três legados papais, que davam então início ao processo de inquirição nos espaços onde fora registada a atividade do santo, paralelamente, eram ouvidas testemunhas da vida e dos milagres. A documentação resultante era, finalmente, submetida para a Cúria papal, para ser examinada. Caso a submissão fosse aceite, dava-se lugar à canonização, tornada pública através da promulgação de uma bula papal<sup>23</sup>.

O processo de canonização de Isabel da Hungria decorreu segundo estas disposições, tornando-se inclusivamente num modelo para canonizações futuras. O seu guia espiritual, Conrado de Marburgo, parecia manter uma relação algo próxima com o Papa e, logo após a morte de Isabel da Hungria, procedeu à redação do seu primeiro texto hagiográfico assim como a uma listagem de milagres. Consequentemente, devido à proximidade com a santa e pela redação hagiográfica, Conrado foi nomeado legado papal através de uma carta de Gregório IX, que expressava detalhadamente como deveria ser realizado o inquérito, *inquisitio in partibus*, das testemunhas, seguindo um modelo que, posteriormente, seria adotado em outros procedimentos, conhecido como *testes legitimi*<sup>24</sup>. Segundo esta perspetiva, parecia haver vontade e cuidado em fazer deste processo um exemplo, verificando-se não só pela preocupação com a sua estrutura, como também pelo número de cópias da bula de canonização, que se difundiram por toda a cristandade<sup>25</sup>.

A construção da sua fama de santidade iniciou-se poucos meses depois da sua morte, quando Conrado de Marburgo redigiu a *Summa Vitae*, dando início às etapas necessárias para o processo de canonização, que ocorreu a 27 de Maio de 1235 em Perugia. Esta tratou-se da quinta e última canonização realizada por Gregório IX, após as canonizações de outras figuras incontornáveis como S. Francisco de Assis, Santo António de Pádua, e S. Domingo. Até o seu local teria sido cuidadosamente escolhido, tratando-se do mesmo espaço onde fora canonizado S. Francisco de Assis, cuja mensagem de sofrimento e compaixão para com os pobres influenciara o percurso caritativo de Isabel da Hungria<sup>26</sup>. Trata-se, pois, de uma manifestação de poder relativo à progressiva centralização

<sup>23</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.213-214; VAUCHEZ, André – *La sainteté en occident aux derniers siècles du moyen âge : d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Roma : École Française de Rome, 1988, p.27-29.

<sup>24</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.214

<sup>25</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.214.

<sup>26</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.201, 221-222.

em matéria de devoção e santificação, que o Papado vinha a ensaiar desde o século XIII e que, provavelmente, contribuiu para a larga disseminação deste culto.

O espaço europeu revelava diversas preferências no que respeitava a modelos de santidade, denotando-se diferenças significativas consoante a sua geografia. Contudo, a complexidade da imagem de Isabel da Hungria teria sido marcada pela conciliação de diferentes particularidades, por um lado a pobreza e mendicância e, por outro, a sua linhagem real. Estes aspetos, um quanto contraditórios, fizeram da santa um modelo seguido por várias princesas europeias da Baixa Idade Média. Assim, venerada e imitada por diversas mulheres de famílias reais da Europa Central, o seu culto rapidamente alcançou outros espaços da cristandade, incluindo-se a Península Ibérica, onde se registou a existência de um livro com iluminuras da santa na corte de Afonso X e, o caso paradigmático da Rainha Santa Isabel<sup>27</sup>. Contudo, a difusão do seu culto não significou apenas a imitação de uma vida de caridade ou pobreza, significou igualmente a difusão de uma maior disciplina em cerimónias, assim como significou para as mulheres a disseminação de opções por vidas espirituais em alternativa a alianças matrimoniais, para o qual também contribuíram as ações dos confessores mendicantes. Paralelamente, a sua imitação teria contribuído para a promoção de um maior envolvimento destas mulheres na vida política dos reinos<sup>28</sup>.

Como veremos, a Vida da Rainha Santa demonstraria um grande número de comparações com a da sua tia-avó. Primeiramente, pela sua ação caritativa no auxílio aos pobres e aos doentes, bem como na fundação de instituições destinadas à proteção e cuidado destes indivíduos, como hospitais e albergarias. Depois, pelo forte envolvimento em matérias políticas, não apenas portuguesas, como da generalidade do espaço ibérico, matérias que seriam tanto políticas como familiares, destacando-se assim, o seu caráter mediador e apaziguador, uma característica recorrentemente destacada destas mulheres santas<sup>29</sup>.

A imagem de Isabel de Aragão viria a revelar uma igual importância para a religiosidade do reino. As suas obras de caridade bem como os milagres seriam impactantes para o seu culto, moldado ao longo dos séculos até à sua canonização.

Também a sua representação foi construída a partir de várias conjunturas. Por um lado, pelo reconhecimento de santificações presentes na sua linhagem e

<sup>27</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.215-219.

<sup>28</sup> KLANICZAY, Gábor – *Saint Elizabeth of Hungary: A European Saint*. ...p.220.

<sup>29</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval*... p.41; KLANICZAY, Gábor – *Pouvoir et idéologie dans l'Hagiographie des Saintes Reines et princesses*...p.439.

que são mencionadas na sua hagiografia. Por outro, pelo crescimento das ordens mendicantes em toda a Cristandade. Ademais, por essa altura a corte aragonesa tinha-se tornado num espaço de confluências religiosas e espirituais vindas do espaço europeu, o que contribuiu para a obra da rainha de Portugal<sup>30</sup>.

As suas virtudes, especialmente a caridade, seriam constatadas exteriormente ao seu texto hagiográfico. Neste sentido, sublinhemos fundações de instituições que lhe são atribuídas, nomeadamente a Albergaria do Espírito Santo de Alenquer, a Albergaria de Odivelas, o Hospital do Rocamador de Santa Maria do Ameal, a Albergaria de Azueira e Estremoz, a Gafaria de Óbidos, de Torres Novas e de Leiria. Um Hospital de mulheres “envergonhadas” em Leiria e o Hospital de mulheres “arrepentidas” em Coimbra e em Torres Novas e o Hospital dos Inocentes de Santarém<sup>31</sup>. Verificando-se que a imagem promovida pelo seu culto se concretizou em obras que tiveram um impacto social efetivo.

A sua beatificação viria a acontecer apenas no século XVI, seguida de uma forte promoção do seu culto e da sua santidade no reinado de D. Manuel I<sup>32</sup>. Como teremos oportunidade de verificar adiante, o culto de Isabel de Aragão rapidamente se instalou no reino e, ao longo dos séculos, foi mostrando uma habilidade para se adaptar aos modelos de santidade que se desenvolviam e proliferavam.

Michael Goodich, que estudou o culto da santa húngara, admite que, por esta se tratar de um elemento da dinastia reinante, teria sido interpretada como uma santa “nacional” e, por esse motivo, apelava a todas as camadas sociais<sup>33</sup>. Poderíamos assumir o mesmo da imagem de Isabel de Aragão, cuja fama pareceu circular oralmente num curto período de tempo. Em ambas as hagiografias encontramos referências a diversos estratos e mesmo uma relevância significativa do auxílio prestado aos mais pobres e doentes.

### 3. As vidas

Isabel da Hungria e Isabel de Aragão viveram entre os princípios do século

<sup>30</sup> ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar...* p.88. Isabel de Aragão terá crescido num clima de difusão de doutrinas e movimentos religiosos, que chegavam a ser protegidos pela própria corte. Desde os Templários, às ordens mendicantes, os mercedários, agostinhos e cistercienses, que contribuíam para a cultura e para o panorama religioso da corte de Aragão.

<sup>31</sup> ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar...* p.201.

<sup>32</sup> RAMÓA, Joana – *Isabel de Aragão, rainha e santa de Portugal: o seu jacente medieval como imagem excelsa de santidade*. In «Cultura. Revista de História e Teorias das Ideias», vol.27 (2010), p.63-81.

<sup>33</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary...* p.56-57; GOODICH, Michael, *The Politics of Canonization in the Thirteenth Century: Lay and Mendicant Saints-* In WILSON, Stephen (ed.) – *Saints and Their Cults: Studies in Religious Sociology, Folklore and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p.169-187.

XIII e a primeira metade do século XIV, um período fortemente marcado por transformações políticas, sociais e religiosas. Interessam-nos estas vertentes para, assim, podermos entender mais efetivamente quais os papéis que as duas mulheres teriam desempenhado. Apesar de serem oriundas de espaços distintos do continente europeu, por um lado o espaço germânico e, por outro, o espaço ibérico, as vidas das duas santas são marcadas por algumas problemáticas semelhantes. Politicamente, a hagiografia de Isabel da Hungria é marcada pelo período de cruzada, onde viria a morrer Luís IV da Turingia, seu marido<sup>34</sup>. Já a biografia sagrada de Isabel de Aragão é pautada pelo período pós reconquista, conturbado internamente no reino português e com várias querelas entre os diversos reinos peninsulares. A sua hagiografia incide nestas questões políticas, onde a rainha surge como uma agente ativa importante<sup>35</sup>.

No campo religioso e espiritual, viveram num período de desenvolvimento e proliferação das ordens religiosas mendicantes, cujas ideologias viriam a moldar significativamente a religiosidade de ambas, com especial destaque para a influência dos franciscanos. Concomitantemente, estes períodos foram marcados pelos flagelos da fome e da doença que, de uma maneira geral, sempre assombraram o período medieval. Nas duas hagiografias veremos uma constante preocupação com os pobres, alimentados pelas esmolas das santas, assim como os doentes, com destaque para os leprosos, cujo sofrimento tentaram mitigar e curar, inclusivamente de forma miraculosa.

Anteriormente conhecemos o panorama em que as fontes destas duas mulheres foram redigidas, assim como os ambientes em que floresceram os seus cultos. Partamos agora para a análise dos textos hagiográficos, comparando-os com outros dados que permitam o melhor conhecimento das suas vivências e ações.

### 3.1. A Vida de Isabel da Hungria

Comecemos então pelo caso de Isabel da Hungria. A *Summa Vitae*, redigida por Conrado de Marburgo, não explorando toda a vida da santa, apresenta-se como um texto breve que, no entanto, foca com atenção os atos praticados por Isabel da Hungria que destacavam o seu caráter de santidade. Neste sentido, a caridade para com os pobres, a renúncia à vida secular, o auxílio aos doentes e a fundação de hospitais são aspetos basilares desta fonte. Contudo, esta fórmula sucinta não seria inoportuna, uma vez que através deste documento se pretendeu

---

<sup>34</sup> WOLF, Kenneth Baxter – *The Life and Afterlife of St. Elizabeth of Hungary: Testimony from her canonization hearings...*p.75-76.

<sup>35</sup> ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar...*p.140-141.

dar início ao seu processo de canonização, demonstrando ao Papa Gregório IX apenas os momentos que mereciam um destaque imediato.

Todavia, os depoimentos da *Dicta quator ancilarum* fornecem outras visões sobre a vida de Isabel da Hungria, inclusivamente episódios da sua infância e da sua juventude.

Conrado de Marburgo inicia a sua redação explicando o que motivou o seu contacto com o Papa. Teria sido o dominicano Raimundo de Penáforte, encarregado da Penitenciaria papal, a exigir a verificação dos milagres de Isabel da Hungria. Nesse sentido, Conrado pediu àqueles que assistiam à dedicação de dois altares à santa pelo arcebispo de Mainz que revelassem, com testemunhas, a obtenção de milagres. Assim, nos dois dias seguintes mais gente se deslocou para contar os seus relatos, que registados e testemunhados sob juramento, foram selados com o selo do arcebispo<sup>36</sup>.

A sua hagiografia começa pela descrição das preocupações da condessa da Túríngia, dois anos antes de Conrado de Marburgo se ter tornado seu protetor, sendo apenas o seu confessor. A mulher estaria desapontada por, sendo casada, não conseguir manter a sua virgindade. Demonstrando, desse modo, perturbações com as suas ações e como estas poderiam afetar a sua vida espiritual. Paralelamente, enquanto se levantavam estas preocupações, no ano de 1226 registou-se uma escassez de alimento sobre o território germânico e, no meio desta tragédia, Isabel exerceu ainda mais escrupulosamente o seu papel no auxílio junto dos desfavorecidos<sup>37</sup>. Ainda nesse período ordenou a construção de um hospital, o de Eisenach, depois de já ter participado na fundação do hospital em Gotha, ao qual se deslocava frequentemente e onde participava ativamente no tratamento dos doentes, mesmo quando as suas patologias e aspeto físico afastavam os demais<sup>38</sup>. Além disto, terá vendido bens valiosos para poder financiar o espaço<sup>39</sup>.

Num momento seguinte é descrita a sua vivência após a morte de Luís IV da Túríngia em 1227. Sendo Conrado já o seu protetor, Isabel pediu-lhe para viver na mendicância e, impedida de tal, renunciou, na presença de frades franciscanos, os privilégios da sua vida passada, dos seus filhos e da sua liberdade<sup>40</sup>. No entanto, Conrado tê-la-ia impedido de renunciar aos seus

<sup>36</sup> *Summa Vitae* (1232)...p.91-92.

<sup>37</sup> KLANICZAY, Gábor – *Pouvoir et idéologie dans l'Hagiographie des Saintes Reines et princesses...*p.439.

<sup>38</sup> KUULIALA, Jenni – *Saints, Infirmary, and Community in the Late Middle Ages*. Amsterdão: Amsterdan Uiversity Press, 2020, p.155-156.

<sup>39</sup> *Summa Vitae* (1232)...p.92.

<sup>40</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary...*p.48-49; BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things? Saints and Worshipers from the Martyrs to the Reformation*. Princeton: Princeton University Press, 2013, p.73.

bens, podendo assim continuar no seu auxílio aos necessitados, financiando os espaços que fundava<sup>41</sup>. Apesar disso, convém notarmos outras interpretações dos seus atos, sendo debatida a intencionalidade da sua pobreza que, afinal, poderia não ter sido resultado de uma vontade pessoal, mas uma consequência da expulsão da corte da Turíngia após a morte de Luís IV. Assim, com poucos meios, apenas com o seu dote, compreende-se que a renúncia dos seus filhos teria sido resultado deste acontecimento<sup>42</sup>.

Partindo para Marburgo, fundou um novo hospital onde convivia de perto com doentes. Querendo suprimir a sua vivência secular anterior, Conrado afastou-a de acompanhantes «supérfluos», rodeando-a de um converso, uma jovem virgem e uma viúva nobre, que deveriam contribuir assim para o seu caminho de humildade e de paciência<sup>43</sup>. Neste espaço, Isabel da Hungria além de tratar dos doentes de forma generalizada, chegava a escolher alguns enfermos com quem contactava mais diretamente, preocupando-se em deitá-los na sua própria cama, concedendo-lhes tratamentos ao longo das noites, o que lhe valeira fortes punições por parte de Conrado. Ao mesmo tempo, continuava com a sua vida austera, de parca alimentação e de jejuns prolongados<sup>44</sup>.

Já ciente da proximidade da sua morte, permaneceu doente por 12 dias, dedicando-se em exclusividade à prece e meditação, afastada de todos os leigos por pedido próprio. Confessou-se a Conrado, que revelou já conhecer tudo o que lhe dissera, podendo-se verificar, então, que sublinhava a sua vida desprovida de pecado, austera e de devoção a Deus. Questionada sobre o que deveria ser feito com os seus bens, exigiu a distribuição das suas posses pelos necessitados. Finalmente, o momento da sua morte foi de grande importância, servindo para validar a sua santidade e contacto divino, ouvindo-se «doce vozes», pertencentes a cantores que a acompanhavam no momento final da sua vida. Momentos antes da sua morte, abençoou todos os que a acompanhavam, falecendo assim aos 24 anos<sup>45</sup>.

A narrativa prolonga-se após a morte, descrevendo o início da devoção à santa, cujo corpo se manteve exposto para os féis, sem apresentar quaisquer sinais de deterioração, emanado aromas agradáveis, o que contribuía, uma vez mais, para a demonstração da sua santidade<sup>46</sup>. Finalmente, logo no dia em que

<sup>41</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p.14-15.

<sup>42</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p.52.

<sup>43</sup> *Summa Vitae (1232)*...p.93-94; PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p.16, 27.

<sup>44</sup> *Summa Vitae (1232)*...p.94. «I punished her severely – may the Lord forgive me – because I feared that she would be infected by contact with the girl.»; PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p.16-17.

<sup>45</sup> *Summa Vitae (1232)*...p.94-95

<sup>46</sup> *Summa Vitae (1232)*...p.95 «showing absolutely no sign of death except that she became pale; her body remained pliable as if still alive and smelled very good.»; BRAZINKI, Paul; FRYXELL, Allegra – *The smell of relics:*

foi sepultada se iniciou a concretização de milagres<sup>47</sup>.

### 3.2. A Vida de Isabel de Aragão

No que respeita a Isabel de Aragão, a sua biografia sagrada apresenta uma redação mais “convencional” deste género literário. Descreve os eventos da sua vida, desde a infância até à sua morte, incidindo numa narrativa que destaca a sua virtuosidade desde o nascimento, especialmente pela ação mediadora e a sua caridade para com os necessitados.

A fonte inicia-se com a descrição das origens familiares de Isabel de Aragão, descrevendo-se a sua linhagem, incluindo a sua filiação germânica, onde se destaca o parentesco com Santa Isabel da Hungria<sup>48</sup>, a quem se ficou a dever a escolha do seu nome próprio<sup>49</sup>. Posteriormente, o hagiógrafo voltaria a focar as raízes familiares da rainha, focando as conexões ao vasto território europeu<sup>50</sup>.

Conhecido este panorama, passa imediatamente a descrever um clima de discórdia que se sentia entre o seu pai, o futuro Pedro III, e o seu avô Jaime I de Aragão. Contudo, a discórdia resolvera-se pela influência de Isabel, ainda criança<sup>51</sup>. Iniciando-se assim o seu papel como figura apaziguadora e mediadora de conflitos que viria a definir a sua vida, bem como a sua hagiografia.

O texto avança cronologicamente para o período após a morte de Jaime I e, após a sua sucessão, começaram a surgir os pedidos de casamento para Isabel de Aragão. Primeiro por parte de Eduardo I de Inglaterra, que procurava o matrimónio com o seu filho o futuro Eduardo II. Igualmente, Carlos II de Nápoles e da Sicília teria proposto o casamento com o seu filho Roberto. Contudo, fora aceite o pedido de D. Dinis quando a princesa teria apenas nove anos. O hagiógrafo explora ainda as razões pelas quais o pedido fora aceite,

---

*Authenticating saintly bones and the role of scent in the sensory experience of Medieval Christian Veneration*. In «Papers from the Institute of Archaeology», 23 (2013), p.1-15.

<sup>47</sup> *Summa Vitae (1232)*...p.95

<sup>48</sup> ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar*...p.44.

<sup>49</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depòys da morte*. In NUNES, José Joaquim – *Vida e Milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal: Texto do século XIV, restituído à sua presumível fora primitiva e acompanhado de notas explicativas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. p.17-19; SURTZ, Ronald E. – *Iberian Holy Women: A Survey*. In MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn (eds.) – *Medieval Holy Women in the Christian Tradition. c.110-1500*. Turnhout: Brepols, 2010. p.501; ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar*...p.81-82.

<sup>50</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depòys da morte*...p.64-67. «E em tempo que esta rainha vivia nom avia rey dos christãos, nem rainha que de linhagem de rey descendesse, que se arredasse a ela de parente».

<sup>51</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depòys da morte*...p.19; ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar*...p.84. Tal como indica o seu texto hagiográfico, Isabel teria, em criança, contribuído para a reconciliação entre o seu avô e o seu pai. No entanto, outras fontes parecem demonstrar que tal só aconteceu em 1273.

tendo pesado o facto de, não havendo grau de parentesco entre eles não seria necessário um pedido de dispensa papal. Além disto, entre o conjunto de pretendentes, era o único que já seria rei, ponto que pesou positivamente na decisão<sup>52</sup>.

Ao longo da descrição da deliberação de Pedro III são enunciadas algumas características de Isabel de Aragão. Já na infância rezava nos ofícios litúrgicos, praticava jejum e dava esmolas aos pobres<sup>53</sup>, deixando evidente que o empenho na devoção divina era já importante apesar da parca idade.

De seguida, o texto descreve detalhadamente a partida de Isabel para a corte portuguesa, sendo sublinhada a dor de Pedro III na altura da sua despedida<sup>54</sup>. Após o casamento, manteve a sua religiosidade, no auxílio aos pobres, a dedicação à oração e a contenção alimentar, por vezes lhe valia repreensões do rei<sup>55</sup>.

O seu casamento fora conturbado, marcado pelos conflitos entre D. Dinis e o futuro D. Afonso IV, para os quais contribuiu enquanto conciliadora<sup>56</sup>. Contudo, apesar dos vários relacionamentos com barregãs, a rainha parecia receber bem os seus filhos ilegítimos, contribuindo inclusivamente para a sua educação. Esta postura é sublinhada pelo seu hagiógrafo, considerando que seria uma atitude inesperada<sup>57</sup>. Enfatizando a sua atuação política, é destacada a sua intervenção junto do rei, na procura daquilo que seria uma governança mais justa<sup>58</sup>. De igual modo, a sua função de moderadora alargava-se ao domínio ibérico, nomeadamente nos conflitos entre Fernando IV de Castela e Jaime II de Aragão<sup>59</sup> e, mais tarde, entre D. Afonso IV de Portugal e Afonso XI de Castela<sup>60</sup>.

<sup>52</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.22.

<sup>53</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.23; SURTZ, Ronald E. – *Iberian Holy Women: A Survey...*p.501.

<sup>54</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.24.

<sup>55</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.26. «E esta rainha, depois que foi casada, começou seus feitos em serviço de Deus (e) em partir com [os] pobres do que avia e em jejuar e aver coita e piedade dos errados e apressados e a ler e aver breviário por que rezasse as oras canônicas e, as oras rezadas, entendia em sarta e aljoufar e fazer e mandar fazer seus lavores e sas donas e donzelas...», p.41-42 «e jejuara mais, se nom que a reprehendia eley e nom no queria consentir e defendia a ela que nom jejuasse.».

<sup>56</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.41.

<sup>57</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.29-30. «E maravilham-se os da terra, por seer de tam pouco tempo meninha e manceba, [d]e seer de tanto entendimento e de tanta mesura e nom filhar em si pesar, nem nojo nenhuu de tal cousa, de quem soem as molheres receberem gram nojo.»; SURTZ, Ronald E. – *Iberian Holy Women: A Survey...*p.501.

<sup>58</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.30-31; ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar...*p.44-45.

<sup>59</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depons da morte...*p.32. SURTZ, Ronald E. – *Iberian Holy Women: A Survey...*p.501-502.

<sup>60</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e*

Incidindo na sua vertente misericordiosa, as visitas a instituições religiosas, a entrega de esmolas aos pobres, bem como a interação e tratamento dos doentes, são feitos recorrentemente destacados<sup>61</sup>. Já na viuvez, enveredou por uma vida de completa devoção espiritual, assim como de entrega plena às suas obras de solidariedade, abandonando a vertente política<sup>62</sup>. Vestiu o hábito de Santa Clara logo após a morte de D. Dinis e, antes de cumprir um ano do seu falecimento, peregrinou até Santiago de Compostela<sup>63</sup>, onde doou bens de grande valor recebendo do arcebispo, em retribuição, o bordão e a esportela para «parecer romeira de Santiago»<sup>64</sup>.

Posteriormente iniciou a construção da Igreja no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, assim como a sua sepultura. Erigiu casas destinadas ao hospital, que albergavam 15 homens e 15 mulheres pobres, um cemitério e uma capela à qual as casas teriam acesso e onde deveriam assistir aos ofícios litúrgicos. Estes indivíduos auferiam uma ração diária de pão e de vinho, carne e pescado, recebendo ainda visitas regulares de Isabel de Aragão<sup>65</sup>.

Não tendo integrado a instituição monacal, viveu nas suas imediações nas casas que mandara construir, assistindo aos ofícios religiosos e seguindo mais rigorosamente a sua espiritualidade sem abdicar do seu papel social. Como observámos, continuou a auxiliar doentes e pobres, assim como pecadores arrependidos, destacando-se as prostitutas que se arrependiam das suas vidas e eram enviadas para a sua vila de Torres Novas. Socorria inclusivamente no enterramento de mortos e no pagamento pela libertação de cativos<sup>66</sup>.

No entanto, as suas obras seriam exacerbadas em 1333, ano em que a fome afetou o espaço ibérico. A hagiografia destaca o caso de Coimbra, afirmando que o preço de um alqueire de pão chegava aos 15 soldos, um preço exorbitante para quantidade tão parca que era insuficiente para a alimentação de um «moço per ua somana». Face a esta crise, Isabel de Aragão dava esmolas de pão e carne aos pobres. A fome e a pobreza terão originado um elevado número de mortos,

---

*depoys da morte...*p.69-70.

<sup>61</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bõos feitos e milagres em sa vida e depoys da morte...*p.41-43. «visitava as enfermas, poendo em elas as mãos mui sem nojo (...) e em dia que se diz Cena Domini lavava a certas mulheres pobre gafas os pees e lhos beijava e vestia as de quecas, de pelotes e cerames, e dava-lhes de calçar e contas por amor de Deus.»

<sup>62</sup> ANDRADE, Maria Filomena – *Rainha Santa, mãe exemplar...*p.184-185.

<sup>63</sup> SURTZ, Ronald E. – *Iberian Holy Women: A Survey...*p.502.

<sup>64</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bõos feitos e milagres em sa vida e depoys da morte...*p.51-52.

<sup>65</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bõos feitos e milagres em sa vida e depoys da morte...*p. 54-56. «E a rainha por vezes viinha visitar os que em este espirital crom enfermos e per si apresentava a eles o que aviam de comer.»

<sup>66</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bõos feitos e milagres em sa vida e depoys da morte...*p.59-62.

muitos dos quais foram sepultados por ação da santa, assim como foram enviados clérigos para as albergarias e outros espaços onde se encontravam estes pobres, permitindo a realização de ofícios religiosos<sup>67</sup>.

Mais tarde, em Estremoz, naqueles que seriam os momentos finais da sua vida, ter-lhe-á sido identificada uma «levadiga» no braço, um inchaço dos gânglios linfáticos nas axilas, recorrentemente associado aos bubões da peste. No dia seguinte, não terá assistido à missa, como seria costume, mantendo-se na sua camara onde a Rainha dona Beatriz a foi visitar. Durante este encontro, dona Isabel recebeu a visita de uma mulher de vestes brancas que era impercetível à rainha, representando dessa maneira o contacto divino na figura da Virgem<sup>68</sup>. Dias depois, confessou-se e assistiu à missa, esforçando-se e deslocando-se de joelhos para receber a hóstia. Enfraquecendo cada vez mais, falou com Afonso IV acerca da infanta dona Leonor e outros netos, sublinhando-se assim a sua constante preocupação familiar. Concentrando-se na oração foi enfraquecendo gradualmente, até as suas palavras fossem incompreensíveis e acabando por morrer<sup>69</sup>.

Imediatamente após o seu falecimento foram realizados os ofícios religiosos, tratando-se em seguida do seu traslado desde o Mosteiro de S. Francisco em Estremoz para o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde se encontrava a sua sepultura. Porém esta tarefa adivinhava-se difícil, uma vez que o clima quente daquela época não favorecia o transporte do seu cadáver, temendo-se que a temperatura e a distância que separava ambos os territórios degradasse o corpo<sup>70</sup>. O percurso até Coimbra demorou uma semana e, contrariamente ao que seria esperado, o corpo de Isabel de Aragão não se degradou, emanando aromas agradáveis como prova da sua santidade, feito que atraiu homens e mulheres que procuravam assistir a este fenómeno<sup>71</sup>. Neste sentido, ainda antes de ser sepultada, iniciou-se a concretização de milagres, destacados na sua

<sup>67</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e deyoys da morte...*p.67-68.

<sup>68</sup> SURTZ, Ronald E. – *Iberian Holy Women: A Survey...*p.502; KUULIALA, Jenni – *Saints, Infirmary, and Community in the Late Middle Ages...*p.177.

<sup>69</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e deyoys da morte...*p.71-73.

<sup>70</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e deyoys da morte...*p.74. «E esto aconselhavam ao rey, porque se temiam de cheirar em tanto, ante que chegasse a Coimbra, que a nom podessem aaquel moesteiro, que ela fezera, trager, que era alongado daquel logo de Estremoz por triinta e duas legoas, per razom das caenturas, que em aquel tempo erom grandes.»

<sup>71</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Raynha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e deyoys da morte...*p.75. «E prougue a Nosso Senhor de querer mostrar em [n]o corpo daquela rainha que conhecia o bôo serviço que d'ela em este mundo recebera de guisa que cuidavam que aquilo fosse fedor e que saísse daquele ataude que fosse o melhor cheiro e odor que om-ees veer podessem.»

hagiografia<sup>72</sup>.

Como observámos, apesar de viverem em espaços distintos, as Vidas de Isabel da Hungria e Isabel de Aragão tinham muitos aspetos em comum. Pertencentes à mesma linhagem e a uma corrente espiritual semelhante, a imagem de ambas pertence a um conjunto paradigmático de construção de santidade feminina e leiga da Baixa Idade Média. Mesmo por vias diferentes, foram agentes ativos tanto na assistência das suas comunidades, como na interveniência política coeva, procurando aquilo que seria uma maior justiça e igualdade.

Ambas interagiam diretamente com as respetivas comunidades, contribuindo positivamente para as mesmas, independentemente da categoria social dos seus membros mas, com especial destaque para os pobres. Esta preocupação seria uma demonstração das correntes espirituais tardo-medievais, assemelhando-se às ações de santas contemporâneas. Por um lado, mantinham uma vida privada, com a sua devoção e espiritualidade e, por outro, desempenhavam papéis sociais, nestes casos enquanto mães, esposas e como senhoras ligadas à governação terrena. Em ambos os casos, foi na viuvez que se dedicaram por completo à sua religiosidade. Mais concretamente no exemplo de Isabel de Aragão, foi com a morte de D. Dinis que se notou mais destacadamente a sua espiritualidade, primeiro através da tomada do hábito de Santa Clara, depois com a peregrinação a Santiago de Compostela, onde doou grandes riquezas e recebeu símbolos de peregrina.

No caso de Isabel da Hungria, a viuvez foi um período de entrega total às obras de caridade e à religiosidade, abdicando por completo daquilo que a ligava à sua vida secular<sup>73</sup>.

Em vida ambas desempenharam ações comparáveis, na sua medida. Os jejuns e a parca alimentação marcaram a vida devocional de muitas mulheres santas, sendo que estas não foram exceção. Encontramos menções aos jejuns da rainha dona Isabel ao longo da vida. Verifica-se, contudo, práticas mais extremas no caso de Isabel da Hungria, cujos jejuns seriam mais recorrentes e, nem sempre como resultado da sua devoção religiosa, mas como resposta a questões políticas com as quais discordava, selecionando cuidadosamente que alimentos deveria consumir<sup>74</sup>.

Os respetivos textos hagiográficos focam a natureza caritativa destas mulheres, que têm em comum a fundação de instituições de apoio aos mais

<sup>72</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depòys da morte...*p.78; REBELO, António Manuel Ribeiro – *O culto a Santa Isabel, rainha de Portugal: Da morte à beatificação*. In FRANCO, José Eduardo; REBELO, António Manuel Ribeiro (coord.) – *Utopia Global do Espírito Santo: Santidade, Instituições e Património*, vol. III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p.152.

<sup>73</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval...*p.40-41.

<sup>74</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval...*p.41.

necessitados, especialmente hospitalais. Isabel de Aragão viria ainda a fundar instituições onde deveriam ser criadas crianças e outras onde se albergavam mulheres<sup>75</sup>. Obras que foram marcantes para as suas comunidades, bem como para a construção de uma imagem de caridade destas mulheres ao longo das suas vidas. Porém, a caridade não se verificava unicamente na fundação de instituições, mas também nas suas interações com os pobres e os doentes, a quem prestavam auxílio recorrentemente.

As diferentes fontes descrevem os casamentos das duas santas de uma forma muito distinta. Por um lado, os testemunhos da *Dicta* consideraram que Isabel da Hungria tivera um matrimónio “feliz”. Descrição que contrasta com a de Conrado de Marburgo, que afirmou que a condessa teria preferido manter a sua virgindade<sup>76</sup>. No caso de Isabel de Aragão, a sua *Vita* retrata um casamento marcado pelas discórdias com D. Dinis, assim como pelos relacionamentos do rei com barregãs, dos quais nasceram vários filhos ilegítimos<sup>77</sup>.

A morte de ambas foi pautada pelo maravilhoso, o que já deixava antever os seus perfis de santidade. Também de maneira idêntica, a incorruptibilidade dos seus corpos veio validar a virtuosidade das duas, a aparência assim como o cheiro eram características típicas da confirmação de santidade.

Ainda de acordo com Maria de Lurdes Rosa, a descrição da linhagem de Isabel de Aragão adquire uma especial importância na sua hagiografia. A linhagem era assim observada como parte integrante e fundamental da santidade ligada à realeza, acreditando-se numa transmissão de «carismas» pelo sangue. Ideia essa que seria uma sobrevivência da realeza sagrada germânica ou do mundo antigo, já cristianizada<sup>78</sup>. Contudo, é importante pesar qual a influência desses “carismas” face à escolha individual de um caminho de santidade, especialmente sob a atuação das ordens mendicantes. Ademais, apesar de várias referências à sua linhagem, parece mais evidente a preponderância do percurso individual. As suas ações assemelham-se às de outras figuras femininas santificadas coevas, não se tratando necessariamente de influências familiares<sup>79</sup>, mas sim do resultado de uma trajetória espiritual individual, influenciada pelas mudanças de paradigma das correntes religiosas em vigor, permitindo uma atuação mais próxima de estas mulheres junto das comunidades que delas estavam dependentes.

Reparamos, assim, que a influência das duas não se verificou exclusivamente

<sup>75</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval*...p.41

<sup>76</sup> PIEPER, Lori – *In search of sanctity: St. Elizabeth of Hungary*...p.38.

<sup>77</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bôos feitos e milagres em sa vida e depòys da morte*...p.29-30.

<sup>78</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval* ...p.42; KLANICZAY, Gábor – *Pouvoir et idéologie dans l'Hagiographie des Saintes Reines et princesses*...p.425-426.

<sup>79</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal medieval*...p.42.

a nível literário hagiográfico, mas sim através de obras concretas que efetivamente tiveram impacto nas suas comunidades.

#### 4. Análise dos milagres

Ambas as santas realizaram uma série de milagres, especialmente póstumos. Neste momento, iremos observar o conjunto de proezas atribuídas a cada uma destas duas mulheres.

Entre os feitos miraculosos póstumos das duas santas destaca-se, acima de tudo, o carácter taumatúrgico. Dessa forma, a maioria dos seus feitos recaía sobre a cura de paralíticos, de cegueiras, entre outras maleitas físicas como fístulas e a cura de leprosos, em menor número encontram-se casos de libertação de endemoninhados e de prisioneiros.

Vejam a primeira listagem de milagres atribuídos a Isabel da Hungria. Redigida por Conrado de Marburgo em agosto de 1232, a lista é antecedida por uma descrição da santa, onde se afirmou que os seus feitos comprovavam que Deus não deixava que os seus fiéis caíssem em tentação, num momento em que a fé ortodoxa se proliferava pelo espaço Germânico. Desta forma, o guia espiritual manifestava a sua posição antagónica face a estas práticas, que considerava perigosas e heréticas<sup>80</sup>.

Os relatos dos milagres são bastante breves, sem descrições detalhadas acerca dos espaços ou outros dados. Apesar da sua simplicidade, apresentam as informações significativas que permitem compreendermos quem eram estes miraculados, bem como quem eram as testemunhas dos feitos. Assim sendo, certas narrativas apresentam algum tipo de datação, nomeadamente quando o milagre ocorreu durante o período de celebrações religiosas. Geralmente, era apresentado o nome do miraculado e a sua proveniência geográfica e, em parte dos casos de crianças ou de jovens foram indicadas as suas idades. Em todos eles encontramos a indicação de testemunhas, que poderiam ser familiares dos miraculados, poderiam ser clérigos ou outros indivíduos que tivessem presenciado o momento. Sem embargo, as testemunhas estariam obviamente dependentes do espaço onde o milagre decorrera, por um lado, poderia decorrer junto da sepultura da santa, o que implicaria uma maior probabilidade de que fossem clérigos a testemunhar os factos. Por outro, alguns decorreram apenas por invocação da santa e, longe do sepulcro, as suas testemunhas estariam mais condicionadas, tratando-se geralmente de familiares. Apesar da importância das

---

<sup>80</sup> *Miracle List*. In WOLF, Kenneth Baxter – *The Life and Afterlife of St. Elizabeth of Hungary: Testimony from her canonization hearings*. Nova Iorque: Oxford, 2010, p.83 «In the region of Germany, where the orthodox faith had typically flourished, the virulent seed of heretical depravity began to sprout and spread the most dangerously».

testemunhas, era dado um passo importante na verificação destes feitos, sendo obrigatório o juramento desses mesmos atestantes.

Nas listagens futuras, nomeadamente em 1233 e 1235, aquando da primeira e segunda comissão papal, os milagres mostrariam uma redação mais detalhada acerca dos acontecimentos, explorando mais pormenorizadamente as suas condições e motivações pela procura da santa. Na primeira contabilizaram-se 106 relatos<sup>81</sup> e, na segunda, foram acrescentados mais 24<sup>82</sup>.

De um universo de 60 milagres, verificámos que a maioria tratava de curas, entre as quais encontrámos diversas patologias. Muitos apresentavam algum tipo de problema motoro, fosse a perda temporária do movimento de membros, fossem casos de paralisia desde nascença. Independentemente da sua duração ou origem, seriam curados após a visita à sepultura da santa. Além destes deparámo-nos com casos de cegueira, geralmente temporária e de apenas um dos olhos, igualmente curados com visitas à sepultura. Encontramos ainda menções a fístulas, surdez, mudez e ataques epiléticos. Demonstrando assim um pluralismo de curas, que contrasta com outros santos que focavam em doenças específicas.

Entre os seus milagres destaquemos os casos de ressurreição, todos eles de crianças e jovens<sup>83</sup>. De um total de seis casos, apenas num foi reanimada uma rapariga. Por fim, um único exemplo de um milagre com uma vertente mais social, a libertação de um cativo<sup>84</sup>.

A observação destes milagres demonstra uma maior propensão para o auxílio de crianças. Nem sempre sendo indicadas as idades, a maioria destes casos era contado por um ou pelos dois pais, que testemunharam sob juramento a veracidade dos relatos. Assim do total de 60 milagres, 27 foram realizados em prol de crianças, que ora se dirigiram com os seus pais à sepultura da santa, ora, especialmente no caso das ressurreições, havia-se invocado a santa para os salvar.

Em quantidades visivelmente menores foram registados 19 milagres destinados a homens e 14 a mulheres. A maioria destes indivíduos obteve o milagre após se dirigirem à sepultura da santa. Nem sempre sendo descritas muitas especificidades, constata-se que alguns destes contactaram com o monumento, tocando-os e, de seguida, ficando curados. Um destes em particular, procurando a cura para a face que estaria a ser consumida por larvas,

<sup>81</sup> *Miracle Depositions from the First Papal Commission (1233)*. In WOLF, Kenneth Baxter – *The Life and Afterlife of St. Elizabeth of Hungary: Testimony from her canonization hearings*. Nova Iorque: Oxford, 2010, p.97-167.

<sup>82</sup> *Miracle Depositions from the Second Papal Commission (1235)*. In WOLF, Kenneth Baxter – *The Life and Afterlife of St. Elizabeth of Hungary: Testimony from her canonization hearings*. Nova Iorque: Oxford, 2010, p.169-191.

<sup>83</sup> *Miracle List (1232)*...p.85-88.

<sup>84</sup> *Miracle List (1232)*...p.86.

pegou em terra da sepultura e esfregou-a no rosto<sup>85</sup>. Ato que não seria incomum em momentos de procura de uma maior proximidade com os santos.

Dediquemo-nos agora ao caso de Isabel de Aragão. Como descrito anteriormente, os milagres encontram-se na parte final da sua hagiografia, partindo-se para a narrativa dos mesmos logo após a descrição da sua sepultura. Neste sentido, convém sublinhar a ordem em que foram apresentados, começando-se por feitos concretizados logo após a sua morte, passam a ser descritos alguns decorrentes na sua vida e, após estes, volta à exposição dos feitos póstumos. Contudo, devemos notar que o texto hagiográfico que chegou até nós é produto de acréscimos textuais e, por esse motivo, nem todos os milagres foram redigidos na mesma cronologia.

Verificámos, nesta representação, algumas semelhanças com o caso de Isabel da Hungria. Semelhantemente, estes registos miraculosos fazem referência a testemunhas, acrescentando-se ainda a informação acerca do assentamento do milagre por tabeliães, maioritariamente de Coimbra. Uma vez mais, torna-se evidente a preocupação com validação dos relatos testemunhados, o que provavelmente seria uma mais-valia para que um processo de canonização se desenvolvesse, o que só ocorreria séculos mais tarde.

A escrita destes feitos divulga dados importantes para que os miraculados sejam caracterizados. Geralmente é feita a indicação do nome dos indivíduos, assim como da necessidade para a qual procuravam o milagre. Neste seguimento, são feitas exposições detalhadas acerca do estado dos indivíduos e o seu percurso até alcançarem sepultura ou até à invocação da santa, valendo-lhes assim a proeza miraculosa.

Assim, foram registados 22 milagres atribuídos à rainha, mais tarde, outras produções hagiográficas incluíam outros feitos. Destes contabilizámos 14 destinados a mulheres e seis a homens, revelando-se assim uma prevalência da santa face às mulheres, que procuraram na sua sepultura, e até em vida, o auxílio desta. Porém, à exceção da libertação de um homem cativo, não se encontram diferenças fundamentais entre os milagres realizados em prol das mulheres ou dos homens, tratando-se essencialmente de curas para ambos os grupos. Fazendo da santa uma via de contacto divino provavelmente preferida pelas mulheres, mas que não realizava milagres excepcionais ou específicos ao género feminino.

Ademais, devemos sublinhar a existência de cinco milagres em vida da santa, também de tipologia curativa<sup>86</sup>. Entre este grupo, apenas um se destinou a um indivíduo do género masculino e, em todos os casos, a cura foi obtida após o

---

<sup>85</sup> *Miracle List (1232)*...p.85.

<sup>86</sup> *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus bõos feitos e milagres em sa vida e depois da morte*...p.86-90.

toque da rainha diretamente na enfermidade.

Finalmente, resta referir dois milagres, um que respeita à incorruptibilidade do corpo jazente da rainha e, finalmente, um que enuncia de forma generalizada como vários homens doentes ou endemoninhados se dirigiam à sepultura e seriam curados, sem que especifique o número de pessoas que, de facto, procuraram ajuda nestas questões.

Tal como no caso da santa húngara, a maioria das proezas miraculosas relaciona-se com a cura de doenças. Entre as patologias encontram-se casos de cegueira, de paralisia, de tumores, assim como de sanguessugas ou outras lesões que afetassem o bem-estar destes indivíduos. Também à semelhança da sua tia-avó, procede à libertação de um cativo, milagre que, no entanto, ocorreu de forma distinta. Enquanto no caso de Isabel da Hungria se procedeu à libertação imediata do cativo, no exemplo da rainha santa, o prisioneiro fora libertado após uma petição, um cenário que anteriormente não lhe teria valido a liberdade e, após um pedido à santa, resulta na sua libertação.

#### 4.1. O milagre das rosas e o seu surgimento na literatura hagiográfica

Enumerados os milagres das duas santas, nota-se a ausência de um feito que caracterizou a imagem de ambas. O milagre das rosas, como se verificou, não fez parte das produções hagiográficas iniciais das duas mulheres. Sendo uma construção posterior que veio a ser incluída nas narrativas de ambas, moldando os seus cultos e mesmo as suas representações iconográficas<sup>87</sup>. Porém, antes de abordarmos este relato, convém compreendermos que tipo de milagre seria e como emergiu na tradição hagiográfica.

Neste sentido, o milagre das rosas pode ser inserido num grupo de feitos onde os bens alimentares são transformados. Aquilo que geralmente seria relatado era a transformação de bens não alimentares em alimentos, beneficiando assim o miraculado ou, no sentido contrário, bens alimentícios que deixavam de ser comestíveis, como meio de punição do agente que o recebe. De facto, tanto os bens alimentares de Isabel da Hungria como de Isabel de Aragão foram transformados em bens não comestíveis, nomeadamente as rosas. Sem embargo, este feito não se tratava de punição, detendo uma função específica, o auxílio divino face às ameaças de um senhor terreno, representadas nas figuras de André II da Hungria ou Luís IV da Turíngia e D. Dinis de Portugal, que tentaram exercer algum controlo sobre a caridade destas mulheres<sup>88</sup>. Ademais, este

<sup>87</sup> RÁKÓCZI, István – *Vidas paralelas – ícones abraçados. (Acheias filológicas para o estudo do “milagre das rosas” de Santa Isabel da Hungria e da Rainha Santa Isabel)*...p.555.

<sup>88</sup> GESCHER, Ottó – *Santa Elisabetta d'Ungheria e il miracolo delle rose*. In CSORBA, László; KOMLÓSSY, Gyön-

milagre transformativo, em que os bens foram especificamente substituídos por rosas numa demonstração de auxílio divino, parece ter sido iniciado com Isabel da Hungria, sendo encontrado pela primeira vez num breviário napolitano de 1332<sup>89</sup>.

No entanto, uma Vida anónima, datada do final do século XIII ou início do século XIV, explorava já a conversão das rosas. Neste relato a santa húngara é retratada na sua infância, altura em que já prestava auxílio aos pobres com alimentos. Questionada pelo pai, André II da Hungria, acerca do que levava, revelou serem rosas e, quando lhe fora pedido para que mostrasse o que trazia, os bens transformaram-se em rosas.

*Quadam vero die, puella de coquina exeunti, gremiumque suum cibariis repletum festinanti pauperibus ante fores palatii languescens aperire, obviavit ei dominus rex pater eius, inquirens diligenter ab eadem, quid portaret in suo gremio sic repleto. Que Spiritus Sancti docta consilio indubitanter, respondit: «Rosas», inquit, «domine mi rex, in gremio meo defero». Tunc rex, verbis eius tamquam nimis iuvenule filie sue factus quasi incredulus, ait ei: «Aperi michi, filia mea, gremium tuum sic repletum, ut probare possim quibus rosis eum nunc temporis sic replere potuisti ». Statim illa gremium aperiente, apparuerunt rose pulcherrime<sup>90</sup>.*

Já representada na sua vida adulta, o milagre adapta-se e coloca o conflito entre Isabel e o marido. Assim, era descrita a sua assistência aos pobres, dando-lhes alimentos da cozinha e, quando confrontada pelo marido, disse que se tratavam e rosas que seriam entregues a um amigo. Assim, a pedido do conde, mostrou o que trazia e a carne que iria alimentar os pobres transformou-se em rosas. Compreendendo que o amigo de que Isabel falara seria Cristo, Luís IV não a impediu mais as suas ações de caridade.

*Comes autem veniens ad eam quesivit coram omnibus militibus, quid portaret in gremio, quasi iocose. Ipsa subridens respondit: « Cedatis quod rosas amico meo? » Et comes ad eam: « Ego volo videre ». Et ipsa volens ei obedire, laxavit gremium vestimentorum suorum, ubi posuerat carnes, et subito rose pulcherrime et redolentes omnibus videntibus apparuerunt, quas*

gyi (ed.) – *Annuario 2002–2004: Conferenze e convegni*. Roma: Accademia d'Ungheria in Roma, 2005, p.243.

<sup>89</sup> GESCHER, Ottó - *Miracles of the Leper and the Roses: Charity, Chastity and Female Independence in St. Elizabeth of Hungary*. «Franciscana: Bollettino della Società internazionale di studi francescani», vol.15 (2013), p.167-168; GESCHER, Ottó – *Santa Elisabetta d'Ungheria e il miracolo delle rose...*p.246; RÁKÓCZI, István – *Vidas paralelas – ícones abraçados. (Achegas filológicas para o estudo do “milagre das rosas” de Santa Isabel da Hungria e da Rainha Santa Isabel)...*p.555.

<sup>90</sup> GESCHER, Ottó - *Miracles of the Leper and the Roses: Charity, Chastity and Female Independence in St. Elizabeth of Hungary...*p.164-165.

*coram his spargens et proiciens admirati sunt nimis, ubi in hieme rosas tam pulcherrimas invenisset. Vir autem eius considerans et videns, quod amicus suus omnipotens Iesus Christus non permiserat eam coram illis erubescere concessit ei libertatem faciendi quecumque vellet, et dedit licenciam omnia sua ad libitum erogare*<sup>91</sup>.

Passemos a incidir sobre o caso e Isabel de Aragão, cujo exemplo máximo da santidade em vida só surgiria séculos mais tarde. Originalmente redigido por Pedro João de Perpinhão no século XVI, padre jesuíta natural de Valência, que foi orador no Colégio das Artes em Coimbra desde 1555, ano em que o Colégio passou a ser detido pela Companhia de Jesus. Entre os anos 1557 e 1559, Pedro João Perpinhão foi nomeado como responsável pela redação das orações comemorativas do dia da Rainha Santa, que viriam a ser usadas na redação de um novo texto hagiográfico datado de 1561. Esta nova hagiografia, além de referidas orações, recorreu a outras fontes, tal como a *Vita* atribuída a Salvado Martins, as crónicas de D. Dinis e de Afonso IV da autoria de Rui de Pina, bem como outra tipologia documental, como documentos régios, decretos papais, registos tabeliônicos e tradições orais<sup>92</sup>. Como veremos, o milagre das rosas seria produto desta tradição. Assim, o texto hagiográfico de Perpinhão, o qual, apesar de completado em 1561<sup>93</sup>, seria publicado pela primeira vez em Colonia já no ano de 1609, contribuiria para o processo de canonização da rainha, que já se vinha a desenvolver anteriormente.

Foi nestas circunstâncias em que o milagre das rosas foi redigido pela primeira vez. No entanto, Perpinhão revelava preocupação com a veracidade do relato, sublinhando que não encontrara fontes escritas com qualquer referência, explicitando que se tratava de um milagre divulgado e celebrado nas comunidades exclusivamente de forma oral. O hagiógrafo traçou ainda comparações com um feito atribuído a Santa Cacilda, uma princesa muçulmana filha de Almamune de Toledo<sup>94</sup>. Nota-se, porém, a ausência de semelhanças face ao milagre de Santa Isabel da Hungria que, como verificámos, surgiu no século XIV.

Contudo, existem outros textos que recorrem ao tema das rosas. Um texto

<sup>91</sup> GESCHER, Ottó - *Miracles of the Leper and the Roses: Charity, Chastity and Female Independence in St. Elizabeth of Hungary*...p.167-168.

<sup>92</sup> TOIPA, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa – *O milagre das rosas em De Vitae et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae de Pedro João Perpinhão*. «Boletim de Estudos Clássicos», n. 60 (2015). p.132-133; TOIPA, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa – *Rainha Santa Isabel: Fontes para o seu Estudo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

<sup>93</sup> TOIPA, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa – *O milagre das rosas em De Vitae et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae de Pedro João Perpinhão*...p.133.

<sup>94</sup> TOIPA, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa – *O milagre das rosas em De Vitae et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae de Pedro João Perpinhão*...p.134-136; GESCHER, Ottó – *Santa Elisabetta d'Ungheria e il miracolo delle rose*...p.244.

atribuído a Damião de Góis, a segunda parte da Crónica da Ordem dos Frades Menores de Frei Marcos de Lisboa e uma hagiografia publicada pelos mordomos da Confraria da Rainha Santa Isabel, todos estes com datações aproximadas à Vida de Perpilhão. Nestes as rosas surgem como foco principal do milagre, ora pela transformação de dinheiro em rosas, ora a transformação dessas flores em dinheiro, sempre com a mesma intenção, a do auxílio aos pobres. Pela datação, seria provável que, de facto, Pedro João de Perpilhão não tivesse tido conhecimento destes relatos. Outrossim, parece ser concreta a difusão oral deste feito transformativo, num período de intensa divulgação do culto da rainha, dado o processo de beatificação impulsionado no reinado de D. Manuel, revelando ser uma particularidade daquele período, dada a ausência de registos em fontes anteriores<sup>95</sup>.

Vejam, então, de que forma foi descrito o milagre das rosas de Isabel de Aragão. A rainha levaria no regaço bens destinados aos pobres e, quando questionada por D. Dinis, sobre o que levava, responde-lhe que seriam rosas, temendo ser proibida de, no futuro, continuar estes atos de caridade. Ordenada pelo rei, abriu o regaço e os bens convertera-se, efetivamente, em rosas. Por sua vez, o rei, espantado pelo que via, nunca teria voltado a questionar a rainha. Como enunciado anteriormente, alguns milagres exploravam o tema das rosas associado a dinheiro e, como no caso de Isabel da Hungria, o mesmo acontecia com pão ou carne<sup>96</sup>. No entanto, a versão de Pedro João Perpilhão não identificou que tipo de bens a rainha levava para dar aos pobres.

*Elisabetham timentem, ne id facere prohiberetur in posterum, respondisse, rosas; ac de improuiso Dionysii iussu explicato sinu, quaecumque ferret, in rosas pulcherrimas esse conuersa*<sup>97</sup>.

Além do mais, sendo o milagre de Isabel da Hungria apenas desenvolvido no século XIV, nunca poderia ter servido como inspiração para a primeira hagiografia da rainha de Portugal. No entanto, poderia ser já conhecido de Pedro João Perpilhão, considerando-se que logo no texto atribuído a Salvado Martins se alude à santidade da sua tia-avó, levando-nos, assim, a questionar acerca do momento em que tal divulgação começara a ser feita e qual a influência exercida pela santa húngara neste sentido.

<sup>95</sup> TOIPA, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa – *O milagre das rosas em De Vita et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae de Pedro João Perpilhão*. ...p.137-139.

<sup>96</sup> RÁKÓCZI, István – *Vidas paralelas – ícones abraçados. (Achegas filológicas para o estudo do “milagre das rosas” de Santa Isabel da Hungria e da Rainha Santa Isabel)*. ...p.555.

<sup>97</sup> *De Vita et Moribus B. Elisabethae Lusitaniae Reginae liber primus*. In TOIPA, Helena Maria Ribeiro Almeida Costa – *O milagre das rosas em De Vita et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae de Pedro João Perpilhão*. ...p.135.

## Conclusões

Apesar de por vezes serem comparadas, as Vidas destas duas santas nem sempre são analisadas em conjunto. Assim, este nosso ensaio permitiu traçar alguns paralelismos entre ambas, constatando diversas semelhanças. No entanto, a leitura de bibliografia permite-nos observar que as características que apresentam são muito mais vastas e albergam um largo conjunto de mulheres santas da realeza europeia. Como compreendemos este preceito de santidade feminina terá tido na imagem de Isabel da Hungria um exemplo máximo, que se alastrou pela cristandade europeia, adaptando-se a todos os espaços e correntes espirituais que floresciam nesses espaços.

A Península Ibérica não foi exceção e o padrão comportamental e virtuoso da santa húngara foi sentido. A sua representante principal, Isabel de Aragão, destacou-se não apenas enquanto mulher religiosa, como também uma agente ativa em matérias políticas. A sua religiosidade revelou assim ser uma norma do seu tempo, dada a constante participação em questões importantes, não apenas em Portugal, como em todo o espaço ibérico.

Acima de tudo, frisamos a importância das suas ações. Não se trataram de santas que apenas se dedicaram ao ascetismo e à devoção divina. Foram ambas fundadoras de instituições de misericórdia, demonstrando que as suas crenças tiveram frutos verdadeiramente relevantes junto das comunidades. Contribuindo para os flagelos sociais e económicos que marcavam o quotidiano medieval.

Através desta análise conseguimos constatar alguns dados importantes dos seus cultos. Contudo, revela-se ainda necessário levar a cabo outras investigações, nomeadamente na tentativa de identificar um maior número de produções da mesma cronologia e, assim, traçar ainda mais paralelismos. Pretende-se, dessa forma, registar mais detalhadamente outros traços e modelos comparativos da santidade tardo-medieval, especialmente no que se relaciona com a santidade feminina, observando outras vivências e conjunturas, que permitam verificar a validade deste modelo religioso que tivemos oportunidade de ver. Ao mesmo tempo, será ainda crucial entender mais aprofundadamente o papel das ordens mendicantes junto destas mulheres e a sua influência nas suas atividades e vidas, não apenas tendo em atenção o domínio hagiográfico, como também outras fontes que validem as suas obras e escolhas.

Artigo recebido em 30/09/2021

Artigo aceite para publicação em 30/11/2022